

Rubel anuncia
turnê pelo Brasil,
Japão e Portugal



PÁGINA 3

O premiado 'Soul'
chega à TV aberta
via Tela Quente



PÁGINA 4

Michel Gondry
leva sua nova
animação a Anney



PÁGINA 5

2º CADERNO

Entre sonhos, corpos e territórios

Exposição no CCBB Rio reúne 160 obras de artistas negros do Brasil e dos EUA e reflete sobre a diáspora africana nas Américas

Por Affonso Nunes

A ancestralidade como força criativa e política está no centro da exposição "Ancestral: Afro-Américas", em cartaz no Centro Cultural Banco do Brasil Rio de Janeiro. Com direção artística de Marcello Dantas e curadoria de Ana Beatriz Almeida, a mostra apresenta cerca de 160 obras de artistas negros do Brasil e dos Estados Unidos, promovendo um diálogo crítico e poético entre as heranças afrodescendentes dos dois países. O elenco inclui nomes como Abdias Nascimento, Simone Leigh, Emanuel Araújo, Leonardo Drew, Sonia Gomes, Arthur Bispo do Rosário, entre outros.

A exposição ocupa as oito salas do primeiro andar do

CCBB e traz também um núcleo de arte africana tradicional, com curadoria de Renato Araújo da Silva, e um conjunto de joias de crioula, adornos usados por mulheres negras libertas na Bahia colonial. Para Marcello Dantas, "ancestral" é uma palavra compartilhada nas línguas portuguesa e inglesa — e essa origem comum é o ponto de partida para explorar uma arte que atravessa fronteiras geográficas e simbólicas".

A curadora Ana Beatriz Almeida destaca que a mostra foi guiada pelas reinvenções culturais feitas por comunidades negras nas Américas. "Selecionamos artistas que evocam essa invenção como ferramenta estética e existencial. A exposição é também sobre o 'tornar-se', sobre resistir e se reinventar."

Entre os destaques, há trabalhos inéditos de Gê Viana, Gabriella Marinho e da norte-americana Simone Leigh, além de uma obra criada no Brasil especialmente para a mostra por Nari Ward. A presença de artistas consagrados como Kara Walker, Julie Mehretu, Melvin Edwards, Rosana Paulino e Carrie Mae Weems reforça a amplitude da proposta. **Continua na página seguinte**



Fotos/Divulgação

Mais de 100 artistas evocam a história negra em múltiplas linguagens e perspectivas na exposição 'Ancestral: Afro-Américas'

Fotos/Divulgação



Três núcleos e múltiplas linguagens



A exposição está organizada em três eixos temáticos — corpo, espaço e sonho — que estruturam as reflexões estéticas e políticas. No núcleo “corpo”, as obras discutem a representação de pessoas negras como ato de resistência e afirmação. Estão reunidos artistas como Benny Andrews, Carlos Martiel e Dalton Paula,

cujas obras abordam identidade, memória e representação cultural.

O segmento “espaço” examina questões de território, deslocamento e pertencimento. As instalações de Leonardo Drew, os trabalhos com tecidos de Sonia Gomes e as pinturas abstratas de Caroline Kent expandem o conceito de lugar. Neste núcleo também se destacam as joias de crioula, utilizadas como



A exposição ocupa oito salas do primeiro andar do CCBB RJ

símbolos de emancipação e pertencimento cultural por mulheres negras no período colonial brasileiro.

No núcleo “sonho”, a exposição investiga territórios da abstração, espiritualidade e imaginação. Obras de Simone Leigh, Kevin Beasley, Betye Saar e Sam Gilliam exploram formas, texturas e narrativas que sugerem novas possibilidades de existência. Leigh, por exemplo, reconfigura a experiência feminina negra a partir de uma perspectiva subjetiva e escultórica.

Além dos três eixos principais, “Ancestral: Afro-Américas” apresenta um núcleo de Arte Africana Tradicional, com peças de povos como os iorubás, fon, bijagós, baga, tchokwe, bakuba e bakongo, provenientes de países como Nigéria, Benim, Guiné-Bissau, Angola e República Democrática do Congo. Esses objetos, originalmente de uso espiritual ou social, são apresentados como testemunhos de uma continuidade cultural que sobreviveu às violências da escravidão e da diáspora.

SERVIÇO

ANCESTRAL: AFRO-AMÉRICAS
Centro Cultural Banco do Brasil Rio de Janeiro (Rua Primeiro de Março, 66 – Centro)
Até 12/8, de quarta a segunda (9h às 20h)
Entrada gratuita, com retirada de ingressos pelo site ou na bilheteria

Bruna Sussekind/Divulgação

Após novo álbum, Rubel sai em turnê

Temporada que promete percorrer o país tem três datas no Rio em julho

Por Affonso Nunes

Após o lançamento de “Beleza. Mas agora a gente faz o que com isso?”, seu quarto álbum de estúdio, Rubel inicia nova fase artística com uma turnê nacional que resgata a essência de sua trajetória musical. Em formato solo e intimista, o cantor e compositor abre a atemporada de shows nos próximos dias 21 e 22 em São Paulo. No Rio, seão três apresentações nos dias 3, 10 e 17 de julho no Teatro I Love PRIO.

Com nove faixas, o trabalho tem produção do próprio artista, com arranjos orquestrais de Henrique Albino. No repertório, composições autorais, uma versão em português de um tema do artista mexicano El David Aguilar e um cover do Radiohead, “Reckoner”, com participação de Arthur Verocai. O setlist dos shows, no entanto, vai além do disco recém-lançado: Rubel costura músicas de toda a sua discografia em apresentações que priorizam o contato direto com o público e a delicadeza das canções em seu



Rubel mostra em seu novo trabalho sua evolução no domínio do violão

estado mais puro — voz e violão. “Meu violão amadureceu muito nesse período e eu sentia que não tinha mostrado isso ainda”, disse em entrevista ao portal Toca.

O cenário dessa nova turnê reflete o ambiente no qual o álbum foi concebido: um pequeno estúdio dentro da casa do artista. “A produção foi toda no quarto. Le-

vantei as bases sozinho, gravei a voz e o violão, alguns complementos de bateria e baixo”, conta.

Por isso, os espetáculos foram pensados para teatros de pequeno e médio porte, o que reforça o caráter intimista e aproxima ainda mais o artista do público. “Essa turnê é sobre poder me conectar com as pessoas que me escutam. Por isso, a

ideia de levar às 27 capitais do Brasil e de serem shows mais intimistas. Como diz o Bituca, todo artista tem de ir aonde o povo está”, afirma Rubel.

A turnê “Beleza. Rubel e Violão” também terá datas internacionais (duas no Japão e três em Portugal, mas é no circuito nacional que o artista reforça sua identidade.

UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

Um samba denso

Rohma acaba de lançar o videoclipe de “A Loba”, destaque de seu EP “Tábula Rasa”, lançado em fevereiro. A faixa inédita foi composta por Laura Diaz (Teto Preto), SZTU e Thiago Nassif, com produção de Pedro Sá e SZTU. Com clima sombrio e experimental, o clipe tem direção de Bruno Ropelato e foi gravado no campus da UFSC, onde artista italiano atua como professor. Radicado no Brasil há duas décadas, Rohma transita entre música, dança, literatura e artes visuais, sempre desafiando gêneros e formatos.

Ana Alexandrino/Divulgação



Uma bela releitura

O cantor, compositor e instrumentista mineiro Felipe Bedetti dá nova vida à bela canção “Até Quando Deus Quiser”, composta por Rafael e Rita Altério em 1993. Com arranjos do músico Keco Brandão, que também assina a direção musical e toca piano na gravação. O arranjo inclui cordas, flauta e trompete, criando clima nostálgico. Gravada no estúdio Space Blues, em São Paulo, com produção de Alexandre Fontanetti, a música resgata faixa do primeiro álbum de Rafael Altério. A releitura já está disponível nas plataformas digitais.

Divulgação



Convidada de peso

Amandona lança o segundo single do álbum de estreia, “Se Eu Soubesse Como”, com participação de Letrux, já disponível nas plataformas de música. Composta por Amandona e produzida por Luiza Brina, a faixa traz influências sáficas e jazzísticas, inspirada em Angela Ro Ro e outras artistas lésbicas que moldam o universo do disco. Letrux destaca a força vocal e a presença de Amandona e celebra a parceria durante a gravação. A canção mistura humor, elegância e emoção, com arranjos que valorizam a espontaneidade, uma marca das duas cantoras.

Divulgação

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Obem que a “Tela Quente” fez à educação cinéfila do povo brasileira desde sua estreia, em 1988, maldade alguma de Odete Roitman ofusca, sobretudo quando a sessão de filmes mais pop da TV aberta deste país ataca de animação... e logo uma das mais cools que a Disney já tirou de suas pranchetas: “Soul”. Lançado em 25 de dezembro de 2020, em plena pandemia, sob a chancela da logomarca do Festival de Cannes (grife de excelência estética), diretamente no streaming, esse filmaço não teve espaço em salas de exibição, por culpa dos confinamentos inerentes à covid-19.

Apesar disso, não precisou do circuito para virar um fenômeno na web, atraindo uma multidão de olhares (e de potenciais assinantes) para a plataforma digital Disney+ onde gerou boca a boca dos mais plurais. Ganhou até Oscar. Foram dois, aliás. Um veio pela categoria trilha sonora original (dado a Trent Reznor, Atticus Ross e Jon Batiste). O outro, o de Melhor Longa de Animação, coroou uma artefania que será apreciada hoje na Globo, com transmissão (dublada) às 22h25.

A saga de um jazzista que desencarna às vésperas do show de sua vida, indo parar em um plano espiritual de almas em busca de propósito, abre acaloradas discussões sobre o sentido da arte e vida após a morte, além de instigar as redes sociais com um debate acerca da adequação (ou não) daquela trama ao público infantil. Um crítico português, Jorge Pereira Rosa, editor da revista C7nema, chegou a escrever que a Pixar, o estúdio ligado à Disney responsável pela animação, “não tem roteiristas e, sim, psicólogos”, uma vez que os longas-metragens da empresa por trás de hits como “Toy Story” mais parecem uma sessão de análise. Entre polêmicas variadas, a aventura metafísica dirigida por Pete Docter e Kemp Powers atrai fãs por outro veio, que não o da reflexão existencial ou o de sua excelência na forma: o veio musical. Seu protagonista, o pianista Joe (interpretado por Jamie Foxx num estonteante trabalho vocal), é um aspirante a Thelonious Monk que orgulha-se de ter na música sua principal paixão. Nessa sua devoção ao piano, ele permite a seus produtores musicais a chance de revisitar ícones do jazz, isso já na trilha sonora original, composta por Trent Reznor e Atticus Ross, com arranjos de Jon Batiste, marcada por melo-



‘Soul’ mais a TV aberta

Chancelado por Cannes em meio à pandemia, ‘Soul’ pede passagem à TV aberta, na Tela Quente da Globo nesta segunda

Animação da Pixar sapecada com dois Oscars em plena pandemia vai grudar nos tímpanos da audiência da Globo ao levar sua trilha sonora eclética para a ‘Tela Quente’

dias como “Epiphany”.

Ouve-se Charles Mingus (“Things Ain’t What They Used to Be”) e Herbie Hancock (“Body and Soul”) ao longo do

périplo de Joe, além de “Subterranean Homesick Blues”, de Bob Dylan, “Apple Tree”, de Erykah Badu, e “We Get Along”, de Sharon Jones & The Dap-Kings. O próprio arranjador, Jon Batiste, solta a voz (em duo com a cantora Celeste) uma das músicas: “It’s All Right”.

Sua originalidade dramática é notável e vem da forma como “Soul” estuda – quase que filosoficamente – a busca por um sentido no dia a dia. Na trama, quando Joe (dublado no Brasil pelo ator Jorge Lucas) passa para um plano onde só existem almas, ele se recusa a aceitar o que aconteceu e insiste em voltar à Terra, sendo incumbido da missão de ajudar uma alminha que se considera sem propósito: 22, interpretada pela comédia Tina Fey e aqui (bem) dublada por Carol Valença. No périplo para reaver a chance que parece perdida, Joe e 22 voltam à esfera dos mortais mas caem em corpos errados. Ele cai na bola de

belo de um gatinho serelepe e ela fica com o corpo humano do músico. Nessa vinda, eles passam por uma travessia de iluminação na qual buscam uma razão para suas vidas, numa narrativa em que os realizadores exploram todo o requinte de uma direção de arte centrada no dia a dia de Nova York. O plano transcendente, jamais associado à ideia de Céu, tem figuras que brincam com formas geométricas: esferas e triângulos, com fractais na representação do firmamento e retângulos simbolizando passagens entre mundos, numa metáfora do próprio cinema, muito comum à Pixar. No elenco original, a brasileira Alice Braga se junta à trupe protagonizada por Foxx e Tina Fey, que inclui ainda o apresentador de TV Graham Norton e a atriz Angela Bassett, responsável por viver a diva do jazz Dorothea Williams, cuja voz aqui é a da cantora Luciana Mello. Sua exibição esta noite é um golaço da Globo.

Divulgação



'*Maya, donne-moi un autre titre*' traduz em desenho as aventuras de Michel Gondry com sua filha

ANNECY FESTIVAL

Brilho eterno da animação

Ganhador do Oscar pela história de amor entre Jim Carrey e Kate Winslet que fez o cinema sonhar, o francês Michel Gondry participa do Festival de Annecy, na França, com um desenho

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Considerada a Meca da animação, por sediar o maior festival do setor, Annecy é famosa por um lago do qual toma seu nome emprestado, fica a 35 quilômetros de Genebra, na Suíça, e soma 130 mil habitantes que, nesta segunda-feira, hão de se estapear para prestigiar a estreia mundial de "*Maya, Donne-Moi Un Autre Titre*", atraídos pela mítica em torno de seu realizador: Michel Gondry.

Mago dos videoclipes na década de 1990, o cineasta francês ganhou um Oscar, 20 anos atrás, por aquela que talvez seja a love story mais tocante (ou, no mínimo, a mais original) do século XXI: "*Brilho Eterno De Uma Mente Sem Lembranças*". Ninguém amou Kate Winslet com mais ardor... pelo menos nas telonas... do que Jim Carrey, que superou até o benquerer de Leonardo DiCaprio por ela em "*Titanic*" (1997). Ainda existe lirismo na fase atual do diretor de 62 anos, porém ela



Michel Gondry e sua filha, Maya, na sessão da Berlinale onde a primeira parte de seu díptico foi laureada com o Urso de Cristal

Berlinale/Divulgação

caminha por um terreno mais infantojuvenil. A filha pequena dele é personagem e coautora de seu mais novo exercício autoral, assim como foi em "*Maya, Me Dê Um Título*", exibido na Berlinale, em fevereiro, e laureado com o Urso de Cristal na mostra Generation, dedicada a crianças e adolescentes.

"Concebi esses projetos para me comunicar com a minha filha e incorporei elementos que são parte do imaginário dela, como uma batata frita especial, construindo sua musicalidade a partir de um banco de sons que encontrei na internet, sem buscar que melodia e imagem tivessem uma conexão direta", disse Gondry ao Correio, em Berlim, quando seu desenho animado virou uma febre. "Quando eu expliquei pra ela o que queria fazer, sua resposta foi um sincero: 'Bora, vamo fazer'. O maior barato do cinema animado é que, em sua dramaturgia, você pode colocar o mundo em perigo e escalar uma menina como a Maya de bombeira sem medo nenhum de estar incorrendo em algo sem empatia, sem humanidade. Não é Bergman".

Em sua passagem pelo Rio, há 16 anos, com direito a encontro com Caetano Veloso e criação de oficinas de criação, em meio a uma retrospectiva de sua obra, o diretor de "*Maya, Donne-Moi Un Autre Titre*" descobriu que muita gente aprendeu a amar (ou acha que aprendeu) assistindo a "*Brilho Eterno De Uma Mente Sem Lembranças*" (2004). Talvez ele não encontre tempo de ver as produções brasileiras que estão por Annecy este

ano, como o belíssimo curta "*Safo*", de Rosana Urbes, e o longa-metragem de coprodução com o Peru "*Nimuendajú*", de Tania Cristina Anaya. Gondry tem mais uma projeção de seu filme na quarta e ainda teve que dar um colóquio lá sobre sua gênese profissional, nos cliques da MTV. "*Human Behavior*", com Björk, é o mais aclamado deles.

"Quando a gente fazia esses vídeos musicais, no passado, havia televisão. As pessoas tinham o hábito de parar por horas... uma hora que fosse... para ver os filmes que fazíamos para músicas que viraram hit com a preocupação de não deixar a forma plástica daquelas narrativas ultrapassar a beleza da história narrada nas letras. Hoje, as pessoas assistem a cliques no YouTube como querem. Elas não têm mais espaço na agenda para reverenciarem as tramas que poderiam ser montadas a partir de canções, pois o celular ocupa a atenção de todos e nos devora. Já '*Brilho Eterno*...' foi muito importante. Ele me ensinou que o problema de um artista é você reverter um fracasso, não, um sucesso que se sustenta por tanto tempo. O que existe é um desafio para que eu faça um filme mais falado do que ele", disse Gondry, que já vem sendo cotado para a categoria anima do Oscar de 2026 pelas duas aventuras com Maya.

Ele tem ainda um musical (em live action), inspirado na infância do cantor Pharrell Williams, para lançar. Se chama "*Golden*" e tem Brian Tyree Henry, Halle Bailey e Kelvin Harrison Jr. no elenco. Em paralelo, plataformas de streaming se abrem para seus trabalhos mais recentes, entre eles "*O Livro das Soluções*" ("*Le Livre Des Solutions*"), que ele lançou na Quinzaines des Cinéastes de Cannes, em 2023, e está agora, no Brasil, na Apple TV.

Nos streamings da Imovision e a da Amazon Prime, é possível conferir outra joia de Gondry nunca exibida em circuito comercial por aqui (só no Festival do Rio): "*A Malta e Eu*" (2012). "Fiquei um tempo trabalhando numa adaptação do livro '*Ubik*', de Phillip K. Dick, mas acabei nas mãos de um roteirista que me dava trabalho. Apesar disso, nunca parei", disse Gondry ao Correio, explicando que "*Maya, Donne-moi Un Titre*", projetado na Berlinale, e seu díptico, "*Maya, Donne-moi Un Autre Titre*" carregam ecos de seus tempos de menino, na década de 1960. "Eu não curtia super-heróis, mas era ligado nas HQs belgas e em narrativas do Leste da Europa, com algum carinho por certas produções da Disney", explica o realizador. "*A Viagem de Balão*", dirigido por Albert Lamorisse, foi o primeiro filme que me chamou a atenção, quando garoto. Isso tudo está na animação", recorda.

Annecy segue até o próximo dia 14.

CRÍTICA / LIVRO / ESSE ANIMAL, O HOMEM

Uma poética como resposta

Divulgação

Por Ricardo Vieira Lima*

Especial para o Correio da Manhã

Em 1995, Frederico Gomes irrompeu na poesia brasileira com um livro bastante inusual: “Poemas Ordinários”, que, aliás, de corriqueiros, nada tinham. Ao contrário, a obra surpreendeu os leitores, na época, por sua intensa liberdade formal, aliada a uma boa dose de transgressão, que, em seus momentos mais radicais, gerou poemas que podem ser classificados como abjetos, repugnantes, pornográficos, embora atraentemente perturbadores.

Sete anos mais tarde, lançou “Outono & Inferno”, livro que representou um amadurecimento nos temas e na linguagem do autor, que, a partir de então, tornou-se um poeta mais conciso e passou a privilegiar as formas fixas, ainda que com alguma liberdade métrica e rítmica, em detrimento do versilibrismo, do poema em prosa e da prosa poética, marcas nítidas em sua obra de estreia.

“Olhar Forasteiro (precedido de “Moinhos de [In]vento”), publicado em 2019, confirmou essa virada estilística de Frederico, que, no entanto, manteve (felizmente) duas características que fizeram dele, desde o início, uma das mais singulares vozes poéticas deste país: um certo pessimismo shopenhaueriano (metafísico e, simultaneamente, pragmático), perpassado por uma postura crítica irônica, mordaz, desabusada até, diante das intempéries da vida e do mundo, suavizando, assim, a melancolia e a desolação, principais atributos que constituem a personalidade – humana e literária – do autor.

Pois Frederico Gomes está de



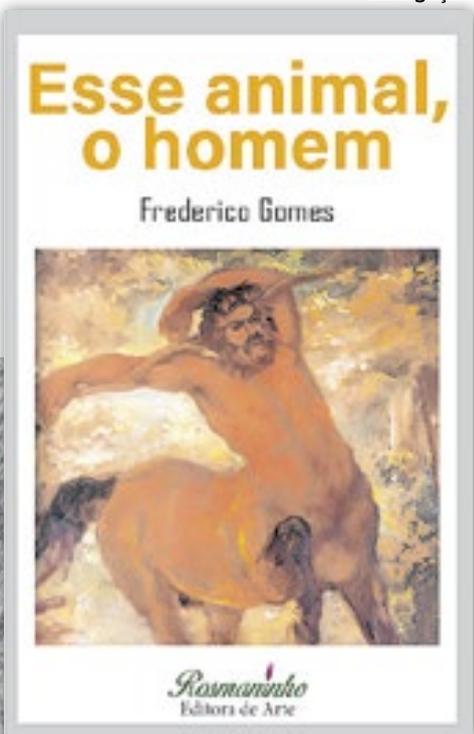
Imagem criada com a IA Sora

volta, agora com “Esse Animal, o Homem” (precedido de “Tríptico”, escrito entre 2014-18), livro que marca os seus 30 anos de carreira e o consolida como um dos grandes nomes da poesia brasileira contemporânea. Poeta de poetas, leitor voraz de seus pares – do passado e do presente –, Fred (como é chamado por seus amigos mais próximos) possui um vasto repertório cultural, de caráter universal, que, em suas origens mais remotas, aponta, no mínimo, para a Grécia Clássica; passa pelos maiores nomes da poe-

sia e da cultura ocidental, a exemplo de Dante, Petrarca, Camões e Shakespeare; prossegue, ao longo dos séculos 19 e 20, com poetas como Baudelaire, Lautréamont, Rimbaud, Whitman, Emily Dickinson, Eliot, Pessoa, Sylvia Plath e Allen Ginsberg, até chegar aos brasileiros Souzaândrade, Augusto dos Anjos, Jorge de Lima, Cecília Drummond, Gullar e Ivan Junqueira.

Esse notável paideuma particular, com o qual Frederico Gomes costuma dialogar e, por vezes, se defrontar, não sufoca, nele, como

já se disse, sua própria dicção, que, neste novo livro, volta-se sobretudo para a Hélade. Portanto, é com grande desenvoltura e naturalidade que o poeta se refere aos costumes e a grandes vultos da cultura grega clássica, como se fossem amigos próximos. Isso pode ser visto em alguns dos melhores poemas do volume, tais como “Ártemis”, “Óbolo de Caronte” (obra-prima, escrita em 48 versos, divididos em 12 quadras), “Nereidas & Neuras”, “Manhã de Eros tolo e Psyché Devassa” (deconstrução sarcástica pós-moderna



do mito grego de “Eros e Psiqué”, assim como do poema homônimo de Fernando Pessoa), ou “AntiTeseu”, dentre outros. Porque Frederico sabe que “Esses são os dias antigos no agora/ como o de agora será antigo,/ porque outrora é agora, e agora/ será sempre outrora no fluir do tempo.” (“O Tempo”).

Todo grande poeta elabora uma poética própria. Frederico Gomes enfrenta esse desafio em “Esse Animal, o Homem”. Indagado, por um “amigo e afanoso irmãozinho”, se deseja a consagração em vida ou o reconhecimento póstumo, responde: “Saiba que ser um abacate/ mais me apraz: ao me lerem/ joguem em seguida o caroço pra trás.” (“Uma Poética como Resposta”). Simbolicamente, em várias culturas, o caroço do abacate, sob a terra, é o que propicia o florescimento da vida, após a morte do fruto. Desse modo, mesmo sabendo que “escrever é um claro ofício do obscuro”, e que sua arte é o resultado de uma perigosa fusão do sublime com o ordinário, o poeta não ignora que “a ponte do passado para o futuro/ é o tempo presente”, e que sua escrita emite “pulsações/ da revelação da verdade eterna/ frente ao tempo ofuscante da era hodierna”.

***Doutor em Literatura Brasileira pela UFRJ, crítico literário e poeta**

Uma comédia constrangedora para **sorrisos amarelos**

Montagem inspirada em obra de Fernando Pessoa, 'Desassossego' fecha ocupação da Pequena Companhia de Teatro no CCBB RJ com reflexão sobre a arte em tempos adversos

Chega ao fim no CCBB Rio de Janeiro a ocupação comemorativa de 20 anos do grupo maranhense A Pequena Companhia de Teatro. Para encerrar a temporada, o grupo apresenta nesta segunda-feira (9) o espetáculo "Desassossego", uma coprodução com a Cia. A Máscara de Teatro, do Rio Grande do Norte, dirigida por Marcelo Flecha. O grupo apresentou nesta temporada carioca quatro criações com fortes vínculos com a literatura universal.

Livrentemente inspirado em "O Livro do Desassossego", de Fernando Pessoa, o espetáculo convida o espectador a mergulhar



Luciana Duarte e Jeyzon Leonardo na montagem de 'Desassossego', que encerra a ocupação artística do grupo maranhense no CCBB RJ

numa experiência cênica sensorial e provocadora. Considerada uma das obras-primas do modernismo português, a publicação reúne fragmentos literários deixados por Pessoa sob o heterônimo Bernardo Soares. Trata-se de um livro inacabado e profundamente introspectivo, marcado por reflexões filosóficas, existenciais e poéticas sobre o cotidiano, a solidão e o sentido da vida experimentados por Pessoa sob a ótica do ajudan-

te de guarda-livros de Lisboa.

É justamente esse espírito de inquietação e dúvida que a montagem transpõe para a cena, de forma metalinguística e inventiva. Em cena, os atores Luciana Duarte e Jeyzon Leonardo interpretam versões de si mesmos numa encenação que se assume como "comédia constrangedora para sorrisos amarelos". Diante da plateia, o processo de criação teatral é desmontado em tempo real,

revelando seus impasses, fracassos e contradições — um espelho das inquietações da própria vida.

Mais do que uma narrativa linear, "Desassossego" é um manifesto poético e político sobre o ofício do artista, a precariedade da cultura no Brasil e a persistência de criar apesar das adversidades. A montagem foi construída ao longo de quatro anos, incluindo o período da pandemia, a partir de um processo colaborativo

entre elenco e direção baseado no conceito de Teatro Polidramático — em que dramaturgia, vivência pessoal e investigação estética se entrelaçam.

O espetáculo encerra uma ocupação que se destacou pela relação direta entre teatro e literatura. A temporada foi aberta com "Velhos Caem do Céu Como Canivetes", obra inspirada no conto "Un Señor Muy Viejo con unas Alas Enormes" de Gabriel García Márquez. A peça apresenta um encontro inesperado entre um ser humano (um catador de lixo) e um ser alado, em um cenário pós-apocalíptico permeado de desesperança.

Na sequência, "Pai & Filho" apresentou uma livre adaptação de "Carta ao Pai", um dos textos mais viscerais de Franz Kafka: a publicação póstuma de uma carta que escritor tcheco escreveu para o seu pai e que nunca chegou a ser enviada.

Já "Ensaio sobre a Memória" partiu do conto "A Outra Morte", do escritor, poeta e ensaísta Jorge Luís Borges. Aqui um escritor e sua assistente iniciam uma pesquisa para a escrita de um novo conto. O objeto de pesquisa é um senhor que se engajou contra um regime militar latino-americano e foi torturado. Por não resistir à tortura entregou seus pares, e passou a vida esperando uma segunda chance para remediar essa fraqueza.

Estreado em 2023, "Desassossego" já circulou por festivais no Maranhão, Ceará e Rio Grande do Norte, como o Façai (Açailândia), o Festival Popular de Teatro de Fortaleza e o Festival Myriam Muniz. Agora, no Rio, encerra não apenas a temporada, mas uma trajetória que reafirma o compromisso da companhia com um teatro de pensamento, linguagem refinada e diálogo profundo com a literatura.

SERVIÇO

DESASSOSSEGO
CCBB Rio de Janeiro (Rua Primeiro de Março, 66 – Centro) | 9/6, às 18h
Ingressos: R\$ 30 e R\$ 15 (meia)



À Salgado

O fotógrafo mais doce e com olhar único que mudou para sempre a história da fotografia contemporânea.

Tião que muitas vezes baixou a máquina e chorou diante da cena dantesca que assistia. Havia em sua amabilidade um forte senso de realidade, que nunca o fez ‘declinar da ternura.’

Missão cumprida meu amigo, agora é fotografar os trabalhadores incansáveis na seara do amor e do bem em Aruanda. É continuar semeando e re(flores)tando o universo no tempo da delicadeza, colhendo o sal da terra, plantando amigos como as adocicadas manhãs de Aimoré – o caboclo destemido que liderou contra os invasores e sua pseudo colonização, fotografando, quem sabe, com sua Rolleiflex imprimindo em seu Tri-x a granulação necessária, a semeadura de um dão como a vida é um grão.

Que os deuses da imagem e Santa Verônica, padroeira dos poetas da luz, te cubram de luminosidade, pois teu legado jamais será apagado.

